

1994 – REVISTA/MAGAZINE – REVISTA EXPRESSO

Menção no número 1155 da Revista Expresso, na secção Tendências, sub-seccção Cidade,
título: “Arquitectos em Português”, texto por José Manuel Fernandes,
pp. 156-157, 17 de Dezembro de 1994

Mention in number 1155 of Expresso Magazine, in the Tendencies section, City sub-section, title:
"Architects in Portuguese", text by José Manuel Fernandes, pp. 156-157, December 17, 1994

Polícias contra Juízes

REVISTA

Expresso

Nº 1155
SÁBADO
17 DEZEMBRO
1994

A photograph of an older man with white hair, wearing a dark suit, light blue shirt, and patterned tie. He is sitting at a wooden bar, holding a small green cup to his lips and drinking. In the background, other patrons are visible at the bar, and there is a mounted animal head on the wall. The lighting is warm and indoor.

Viver
em
Bruxelas

Arquitectos em portuguêsês

EXISTIRÁ algum denominador comum na arquitectura feita nos vários países de expressão portuguesa? Esta é a questão que se pode levantar a propósito do III Encontro do Conselho Internacional de Arquitectos de Língua Portuguesa (CIALP), realizado em fins de Novembro nos Banhos de São Paulo — nova sede da Associação dos Arquitectos em Lisboa. Além dos representantes dos cinco países africanos, estiveram colegas portugueses, do Brasil, de Macau, e houve a vontade de os de Goa, e até de Timor, estarem. Tanta diversidade de origens, de interesses e sensibilidades expressa na mesma língua obriga a reflectir um pouco sobre o que nos une.

Se consultarmos um qualquer dicionário universal de arquitectura ou de arquitectos, constatamos que garantidamente só lá estão referidos três nomes de autores «em portuguêsês»: António Francisco Lisboa, o genial «aleijadinho», mineiro de Vila Rica de Ouro Preto (nascido em 1738); Óscar Niemeyer Soares Filho, nascido carioca em 1907; e o mais recente e «portuense» Siza Vieira (nascido em 1933 em Matosinhos).

Este é, pois, o quadro de um conhecimento corrente, internacional, da história da arquitectura «expressa» em portuguêsês: nem Arrudas, nem Boitacas, nem Castilhos, nem Torralvas, Terzis,

Antunes, Nasonis, Mardéis ou Silvas. E, já no nosso século, nem Terra, nem Lino, nem Branco (ou Artigas, no Brasil) — para não falar nos actuais. O «mundo» puro e simplesmente desconhece, não reparou.

Falta de divulgação? Sim, certamente é isso; por insuficiência de estudos, pouca difusão de imagens, filmes, livros; igualmente por escassez operativa no campo académico-científico, pelo pouco interesse que nos merece a reflexão sobre a nossa própria cultura. O costume «da casa» aplicado aqui no sector Arquitectura.

Como Pessoa diria, o Português só é verdadeiramente português quando sai de Portugal. Aí fora é grande, simplesmente grande. O pior é «voltar» — quer dizer, saber **retornar**, no sentido de reflectir culturalmente sobre a elaboração do próprio percurso, sintetizá-lo, projectá-lo para o futuro...

E, no entanto, quanta riqueza, diversidade geográfica, urbanística, houve e há na arquitectura-em-português! Não é forçar a realidade histórica, nem provincialismo, no quadro da cultura europeia, afirmar a capacidade criativa e adaptativa da expressão arquitectónica de origem portuguesa, «em viagem» pelo Planeta.

E não se trata só de autores eruditos, a obra é sobretudo colectiva e, muitas vezes, assumidamente anónima. Desde a simplicidade miscigenadora que

produziu patrimónios da Humanidade, iniciando-se na Península (Lisboa, Évora), prolongando-se por infinitíssimas ilhas (Angra) ou por largos continentes (Ouro Preto, Salvador); espaiando-se pela capacidade de produzir **sítios de paisagem** humanizada, ou seja, casas, equipamentos, ambientes rurais e citadinos «de mestiçagem»: as «casas atlânticas» de Santa Cruz La Palma (Canárias), a Pracinha de Colónia de Sacramento (Uruguai), os arredores católicos de Bombaim, o Largo da Igreja em Margão (Goa); até à autêntica «criação» de cenas urbanas em micro-ilhas costeiras (Diu, no Guzarate, Moçambique, no Índico, e, claro, Macau, e até Nagasaki). E muitos «etcoeras».

Há dias, tive o gosto de ver Niemeyer a «ensinar» na Faculdade de Arquitectura de Lisboa: momento único, todo ele muito intuitivo, sensibilidade imanente, abordagem original do espaço — desenhava, projectava «slides», deambulava, sereno nos seus 84 anos. Uma vertente única: o arquitecto-escultor (como, curiosamente mas de outro modo, Siza Vieira) na liberdade brasileira.

Na tarde do mesmo dia assisti ao lançamento de uma publicação sobre a cultura indo-portuguesa, e aí recordei, pelas fotografias e desenhos, o pequeno «mundo único» da casa goesa (nos estudos que Helder Carita desenvolve). E, como que por acaso, na noite desse





TROUFA REAL

**O Edifício Mutamba em Luanda,
actual Ministério das Obras Públicas — projecto de Vasco Vieira da Costa**

mesmo dia, reencontrei os colegas africanos que, preparando o encontro acima referido, aprontavam as coisas na sede da associação. Tudo «em português».

Não há mais razão para o desencontro cultural se seguir a tantos bons encontros, a tanta obra feita, a tanta afirmação de vida: saibamos evitar esta auto-ignorância, agarremos um pretexto, uma oportunidade. Querem um bom exemplo? É sem dúvida o de Vasco Vieira da Costa, contemporâneo da geração de Niemeyer (m. em 1982), talvez o mais recente e qualificado arquitecto português (ou angolano?) da sua geração. Aprendeu com Le Corbusier, cursou a

Escola do Porto, foi trabalhar para Angola cerca de 1950, fixando-se no «atelier» de Luanda. Aí produziu obras «lusomoderno-tropicais» de qualidade tão notável quanto inacreditavelmente ignoradas por todos nós.

O Mercado de Quinaxixe, o bloco de habitação colectiva, o gradioso Edifício Mutamba, os LEA, laboratórios de engenharia, e muitos outros, lançados em sábias implantações urbanas (o «diálogo» com o terreno), afirmados em volumetrias fortes e abstractas, detalhados em poderosas e corbusianas grelhas de cimento, ventilam generosamente, com largueza, sem preconceitos e em «arquitectura moder-

na», o calor e a humidade de Luanda.

Na conjuntura, as suas obras (na minha opinião, de qualidade em muitos casos a par das de Corbusier) estão, como se calcula, «a cair», por abandono físico, mas, sobretudo, por ignorância do seu real valor. A investigadora Maria João Teles Grilo prossegue a identificação do seu espólio, mostra-nos as primeiras imagens «reais» do que antes só intuíamos ou ouvíamos falar. O Brasil irá cooperar na preparação do trabalho de análise. **É o exemplo certo** (para além de muitos outros autores africanos a conhecer), euro-afro-brasileiro; há que divulgá-lo, editá-lo, expô-lo. Saibamos actuar rapidamente e em força. ■

Para que
a vida
viva!



LACTICOOP

Gente que quer manter a Natureza.

